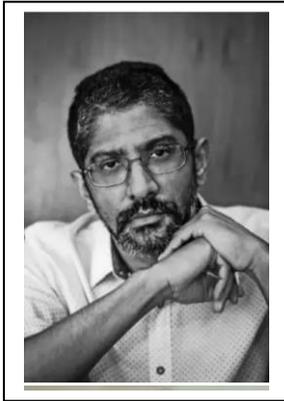
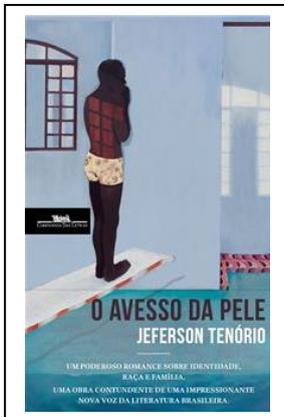


**[O avesso da pele]
[Jeferson Tenório]****[Jeferson Tenório] Biografia:**

Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro, em 1977. Radicado em Porto Alegre, é doutorando em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Estreou-se na literatura com o romance *O beijo na parede* (2013), eleito livro do ano pela Associação Gaúcha de Escritores. É autor também de *Estela sem Deus* (2018). *O avesso da pele* é o seu terceiro romance e está a ser adaptado ao cinema.

Sinopse de [O avesso da pele]

"É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo."

Agora que o pai morreu, inesperada e precocemente, Pedro tem pouco mais a que se agarrar senão aos ensinamentos e às memórias deixadas pelo pai, professor de Literatura na rede de ensino público. E homem negro, num país que julga os homens e as mulheres pela cor da pele.

Esvaziado pela ausência, Pedro retraça os passos de Henrique nas ruas, procura vestígios seus nos pertences deixados no apartamento. Reduzido por vontade da mãe a uma relação intermitente com o pai, resta a Pedro a possibilidade de reconstruir ou imaginar o passado de Henrique - enquanto homem, enquanto pai - para, pelo caminho, procurar o entendimento de si próprio. Nesta rota íntima de Pedro, Jeferson Tenório faz uma delicada investigação das relações entre pais e filhos, ao mesmo tempo que esboça um retrato poderoso de um país sulcado pela segregação e pela pobreza, em que muitos não podem mostrar - por vezes, nem sentir - o seu avesso, esse espaço onde "entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único". Com uma sensibilidade invulgar para lidar com os matizes das relações e uma inquietante habilidade para expor a questão racial sem ser didático ou panfletário, Jeferson Tenório afirma-se neste romance como uma das vozes mais potentes e corajosas da literatura brasileira contemporânea.

Jeferson Tenório vence Prémio Jabuti com "O avesso da pele"

O escritor brasileiro venceu na categoria de "Romance Literário" com um livro sobre o luto e a complexidade das relações humanas e em que denuncia uma sociedade marcada pelo racismo e a violência

[Rita Cipriano](#) 26 nov. 2021, 18:07



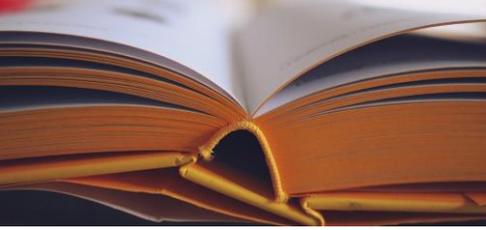
▲ "O avesso da pele", de Jeferson Tenório, foi publicado no Brasil em outubro do ano passado e em Portugal em abril deste ano

Carlos Macedo

O avesso da pele, de Jeferson Tenório, foi uma das obras vencedoras do Prémio Jabuti de 2021, anunciadas esta quinta-feira. O autor venceu na categoria de "Romance Literário", para a qual estavam nomeados Michel Laub, com *Solução de Dois Estados*, e José Falero, com *Os Supridores*.

Publicado no Brasil em outubro do ano passado e [em Portugal em abril deste ano](#), pela Companhia das Letras, *O avesso da pele* narra a história do pai de Pedro, assassinado durante uma rusga policial. Romance que denuncia uma sociedade marcada pelo racismo e violência, *O avesso da pele* aborda também o impacto que estas têm nos relacionamentos humanos, que Tenório retrata com perspicácia e sensibilidade. É também um tratado sobre o luto e a procura de um filho pelo pai.

No ano passado, [o galardão foi atribuído a *Torto Arado*](#), de Itamar Vieira Júnior. O romance foi publicado primeiro em Portugal, após vencer o Prémio Leya em 2018. Vieira Júnior foi o primeiro escritor da Bahia a receber o Jabuti em 25 anos.

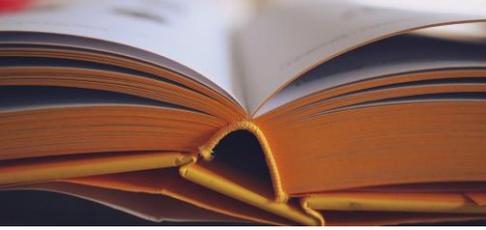


O grande vencedor do Jabuti deste ano foi, no entanto, *Sagatrisuinorana*, de João Luiz Guimarães e Nelson Cruz, que venceu nas categorias de “Melhor Livro do Ano” e “Literatura Infantil”. Publicado pela editora independente brasileira ÔZé, *Sagatrisuinorana* é inspirado no conto dos Três Porquinhos e conta os desastres de Mariana e Brumadinho, numa linguagem inspirada em João Guimarães Rosa, [autor de Grande Sertão: Veredas](#), um dos grandes romances modernos do Brasil, [refere](#) a Folha de S. Paulo.

Na categoria de “Poesia”, ganhou *Batendo Pasto*, o mais aclamado título de Maria Lúcia Alvim, [que morreu em fevereiro](#), vítima da Covid-19. A autora tinha 88 anos. *Corpos secos*, romance pós-apocalítico escrito a oito mãos por Marcelo Ferroni, Natalia Borges Polessio, Samir Machado de Machado e Luisa Geisler, venceu no “Romance de Entretenimento”.

Na não-ficção, *A república das milícias: Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*, de Bruno Paes Manso, sobre a evolução das milícias no Rio de Janeiro, ganhou a categoria de “Biografia, Documentário e Reportagem”; *Sobreviventes e Guerreiras*, de [Mary Del Priore](#), sobre a história da mulher no Brasil, venceu nas “Ciências Humanas”; e *A razão africana: breve história do pensamento africano contemporâneo*, de Muryatan S. Barbosa, nas “Ciências Sociais”.

A lista completa dos premiados de 2021, distribuídos pelos eixos de Literatura, Não-Ficção, Produção Editorial e Inovação, está disponível no *site* do Prémio Jabuti, [aqui](#).

**ENTREVISTA****'Vivemos uma primavera literária negra', diz escritor Jeferson Tenório, autor de O Averso da Pele**

Para o autor de O Averso da Pele, a imaginação é uma forma de resistência contra um mundo sombrio

Katia Marko, Brasil de Fato | Porto Alegre (RS) | 20 de novembro de 2023 às 13:19



Para o escritor precisamos da utopia para viver, sobreviver e para dar sentido - Divulgação

“Minha vida mudou a partir da leitura, não mudou a partir da escrita. Minha vida mudou porque eu me tornei leitor, e como fui professor durante muitos anos, acreditei nisso enquanto estava lecionando. Achava que conseguiria modificar a vida daqueles alunos através da leitura.”

:: [“Vivemos uma crise muito grande da indiferença do outro”, afirma Jeferson Tenório](#) ::

Vencedor do Prêmio Jabuti em 2021, com o livro O Averso da Pele, Jeferson Tenório fala de modo que parece um bálsamo em um país que não tem na literatura um de seus principais interesses. Pouco mais da metade dos brasileiros cultiva o hábito de ler, como nota a 5ª edição do estudo "Retratos da Leitura no Brasil". Carioca, radicado em Porto Alegre e morando atualmente em São Paulo, desde 2021 se dedica quase que exclusivamente à carreira de escritor, permeada pelas colunas no portal Uol Notícias e a tarefa de editor na [Diadorim Editora](#).

Em Porto Alegre, para um evento na 69ª Feira do Livro de Porto Alegre, Jeferson Tenório conversa com o Brasil de Fato RS sobre o momento atual da literatura e da sua carreira.

Brasil de Fato RS - Nossa última conversa foi em outubro de 2021, também aqui na Feira do Livro em Porto Alegre. O cenário hoje é completamente outro. Naquela época, passávamos por uma pandemia e um pandemônio. E hoje? Como avalias esse cenário que vivemos, tanto politicamente quanto em termos literários?

Jeferson Tenório - Em 2020, quando fui patrono da feira, circulei pela praça vazia. As atividades foram todas online. Mas também foi um momento de mudança da feira. Foi a primeira vez em que a gente teve mais diversidade nas atividades. Havia muito mais negros, mulheres, indígenas naquela edição de 2020.

Acho que a presença desses autores foi se naturalizando. Hoje temos já uma diversidade de fato, não só na feira do livro, mas em outros festivais também. Houve essa mudança de perspectiva. Também tem a ver com as mudanças políticas que tivemos. Acho que veio pra ficar. Achava que ia me aposentar como professor em escola pública. Veio a escrita e bagunçou tudo

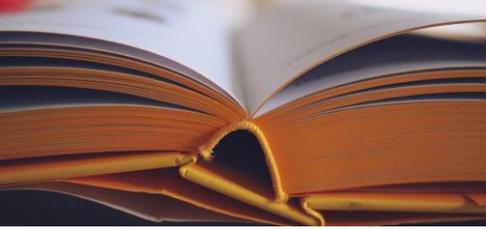
Tua carreira também mudou bastante. Ganhaste prêmios, teus livros estão sendo traduzidos no exterior. Como está esse momento para ti?

Até 2021, eu ainda atuava em escolas aqui em Porto Alegre. Em função das viagens, dos compromissos relacionados ao livro, principalmente ao Averso da Pele, não consegui mais continuar na escola. Me mudei para São Paulo, lá entrei de sócio numa editora.

:: ['A literatura guarda o sentido de liberdade. A literatura dá vontade de viver', afirmam Itamar e Tenório](#) ::

Ocupo a minha vida com a escrita e com a leitura de originais agora com a editora. Meus livros sendo traduzidos e eu sendo chamado para esses países onde estão publicando. É curioso porque, até pouco tempo atrás, achava que ia me aposentar como professor em escola pública. Era o meu ideal de trabalho ao longo do tempo. Mas aí veio a escrita e bagunçou tudo. Melhorou.





Tenório participou recentemente da 69ª Feira do Livro de Porto Alegre, em uma conversa com a pernambucana Nathallia Protazio e o escritor Itamar Vieira Júnior / Foto: Eduardo Fernandes/Feira do Livro Porto Alegre

Na época, estavas fazendo o teu doutorado. Já terminou?

Sim, no ano passado. Porto Alegre é uma das cidades onde se passa o (novo) romance e no ambiente acadêmico

E também estavas escrevendo um novo romance. Seria sobre a universidade pública, a questão do ensino. Este romance ainda está sendo produzido?

Ainda. Se tudo der certo e eu conseguir ter mais tempo para escrever, deve ficar pronto no ano que vem. Acho que, no ano que vem, teremos aí um romance novo que se passa também em Porto Alegre. É uma das cidades onde se passa o romance e o ambiente vai ser o ambiente acadêmico.

E tratando de toda essa questão das cotas, da presença negra na universidade?

Não só. É um dos temas que perpassam o personagem. Minha ideia é contar a trajetória de três estudantes na universidade. As mudanças que começaram a acontecer em meados dos anos 2000, a entrada de pessoas negras na universidade, e todas as mudanças epistemológicas, bibliográficas, as discussões que começaram a partir dessa entrada. É isso que quero tentar discutir. Não conseguimos ainda encher as nossas mãos para contar os autores negros que temos e são valorizados

E vieste à feira justamente para um evento junto com o Itamar Vieira Junior, que é outro escritor dessa nova geração de escritores negros, e que estão influenciando muito a literatura brasileira...

A gente está vivendo uma espécie de primavera literária negra. Temos aí uma constelação de autores que estão sendo celebrados, lidos, premiados, e acho que isso tem que ser comemorado. Temos a Conceição Evaristo, a Eliana Alves Cruz, a Cidinha da Silva, o Paulo Lins.

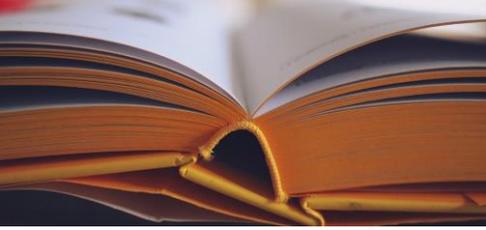
:: ['A ficção nos coloca no lugar do outro e ajuda a compreender a sua dor', diz autor de Torto Arado](#) ::

Uma série de escritores que tem feito diferença por trazer narrativas que, por muito tempo, não eram valorizadas. Por outro lado, se você olha para a história da literatura e para a quantidade também de autores que temos, ainda é pouco. Não conseguimos ainda encher as nossas mãos para contar os autores negros que temos e são valorizados. Há um caminho a percorrer, mas também é um momento de celebração.

Em uma entrevista falaste da literatura como um direito humano e de como a literatura pode transformar vidas...

É uma fala muito apoiada no texto do (sociólogo e crítico literário) Antônio Cândido. Ele fala sobre isso: a literatura como um direito básico. Acredito nisso porque a minha vida mudou a partir da leitura. Não mudou a partir da escrita. Minha vida mudou porque me tornei leitor.

Como fui professor durante muitos anos, acreditei nisso enquanto estava lecionando. Achava que, de fato, conseguiria modificar a vida daqueles alunos através da leitura. É realmente um momento bastante importante quando alguém se torna um leitor.



E essa forma de mudar a vida dos alunos e entrar com a literatura mais fortemente nas comunidades, também vai gerar novos escritores. Como temos aqui o José Falero, que vem de uma comunidade carente de Porto Alegre.

Vai, pelo menos, proporcionar esse acesso aos livros. Não só o acesso, mas também mediar essa relação com o livro. O professor é um desses mediadores. As bibliotecas comunitárias, as livrarias, as feiras de livro, todos esses espaços, servem também como mediadores de leitura, aproximam o leitor do livro.

São Leopoldo tem uma feira do livro e uma política pública interessante: dá vouchers de R\$ 60 para toda a rede escolar municipal, estudantes, professores e funcionários adquirirem livros na feira. E os livreiros devem dar um percentual do valor das vendas em livros para as bibliotecas escolares. Achei muito interessante essa política pública para incentivar a leitura...

Devem ser políticas públicas que sejam políticas de Estado e não de governo. Porque muda o governo e essas políticas são esquecidas. São incentivos que devem virar lei para que as pessoas consigam acesso aos livros. E que isso seja natural e comum na vida das pessoas. O livro precisa ter essa normalidade. Não pode ser uma exceção. Não se pode esperar uma feira acontecer para que isso aconteça. Tem que ser algo que faça parte do cotidiano das pessoas.

Você pode ter o celular e pode ter o livro. A gente já perdeu a briga com o celular, não há mais o que fazer

Aí, fico pensando: como fazer isso neste momento em que as crianças já nascem com o celular na mão? Em que adolescentes estão o tempo inteiro no celular, mesmo adultos? A gente acaba lendo muito pelo celular e abandonando o livro. Então, é uma concorrência difícil. Vejo como concorrência, mas também vejo como uma ideia de concomitância. Você pode ter o celular e pode ter o livro. A gente já perdeu a briga com o celular, não há mais o que fazer.

Agora, o que se pode tirar disso? Se estão lendo mais pelo celular - que era o que meus alunos faziam - eu tentava inserir o celular no meu ensino de Literatura ou de Língua Portuguesa. Porque as plataformas vão continuar vindo. Se não for o celular vai ser outra coisa. O livro físico não vai acabar. Tem uma vida muito longa ainda pela frente. Mas é preciso saber as dosagens e ter essa ideia de concomitância.

Entraste no mundo editorial onde tem esse debate sobre a dificuldade das editoras, de vender os livros. Como está sendo isso?

Primeiro acabei ocupando o lado de quem edita, de quem recebe o texto, de quem propõe coisas no texto, essa parte é muito legal, a conversa que você tem com o autor. Depois, com toda a feitura do livro, você começa a entender os processos, quantos profissionais estão envolvidos, até chegar na livraria. Tudo isso faz com que eu tenha uma visão mais completa do que significa editar um livro até ele chegar na mão do leitor, pensar na capa...

Acho que o mercado está muito mais aberto. Existem muitas editoras pequenas e médias. Não que esteja mais fácil, mas acho possível manter uma editora com textos de qualidade e fazendo uma distribuição satisfatória.

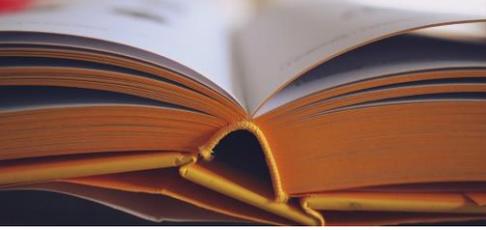


"A literatura faz com que você tenha um outro olhar sobre a vida, um olhar talvez mais honesto" / Foto: Alexandre Garcia

Estamos em novembro, o mês da consciência negra. Mudou-se o governo (no país), mas o racismo estrutural continua. Existe uma rede de ódio muito forte. Como continuar trabalhando mais profundamente esse tema?

A rede de ódio já foi instalada e acho muito difícil que se consiga voltar àquele estágio onde esse ódio estava no subterrâneo. Agora ele está posto. Mesmo com a mudança de governo continuam as ações reacionárias. Penso que a literatura e a arte têm alguns dispositivos que nos ajudam, de certo modo, a resistir a isso.

Muitas vezes esperam de autores negros uma violência, um grito, uma brutalidade. Quando a gente responde de outro jeito, com delicadeza, com arte, com literatura, você também está resistindo. De outro modo, mas também está resistindo.



A rede de ódio já foi instalada e acho muito difícil que se consiga voltar àquele estágio onde esse ódio estava no subterrâneo

E o mês de novembro é esse mês da consciência negra que alguns dos meus pares dizem que é o 'mês da paciência negra', porque temos que ficar explicando o básico para as pessoas. Mas acho muito válido que tenhamos esse mês, essa data específica para oferecer uma reflexão para as pessoas e que as pessoas também reflitam sobre a sua postura diante do racismo.

Pessoas que acabam sofrendo violência são trazidas para o teu trabalho. A literatura não denuncia como o jornalismo, mas é capaz de causar uma reflexão mais profunda do que a própria notícia. Dizes que a literatura deve desnaturalizar o banalizado. Como é isso?

A literatura faz com que você tenha um outro olhar sobre a vida, um olhar talvez mais honesto. É um olhar que faz com que você perceba aquilo que é naturalizado tem a ver com as violências, tem a ver com o preconceito.

No caso do meu livro O Averso da Pele, muitas pessoas brancas que lêem o livro, quando me dão o retorno falam isso. Não tinham ideia do grau, da sofisticação do racismo, até onde ele chega. A literatura tem esse papel também, um papel formativo. Instrui, mas não instrui de maneira objetiva. Instrui de maneira mais subjetiva. É um mecanismo bastante importante.

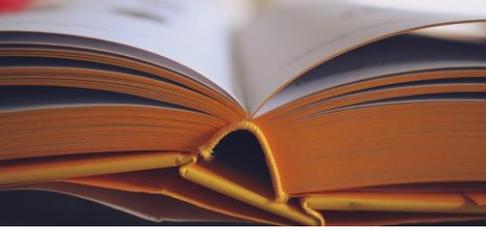
Lembro que quando li O Averso da Pele, fiquei muito impactada. Havia momentos em que tinha que parar de ler porque não conseguia. Como que foi para ti, como te sentias escrevendo?

Geralmente as coisas que eu escrevo em termos de ficção, são temas que já trabalhei internamente. Jamais vou escrever algo muito próximo ou situações muito próximas no tempo. Preciso elaborar essas questões para depois, talvez anos depois, conseguir escrever. Quando sento para escrever estou mais preocupado com os arranjos estéticos e linguísticos que preciso para fazer o livro. Por mais dura que seja uma cena ou por mais dolorosa que seja, não me afeta enquanto pessoa porque já trabalhei isso internamente. Quando estou ali na frente escrevendo - não que eu seja uma pessoa fria, não é isso - não há o sofrimento da escrita. Há uma alegria da escrita. Aquilo já foi elaborado, então eu consigo escrever. As coisas que me aconteceram enquanto homem negro no Sul não eram por um sentimento individual. Era uma experiência coletiva

Dizes que é preciso prestar atenção nas coisas que tem acontecido no Brasil. Que, para contar uma boa história, é preciso olhar ao redor, para ser universal você tem que falar dos que estão perto. Isso me lembra aquela velha máxima: 'Pensar globalmente, agir na aldeia, localmente'.

É porque o escritor, o trabalho dele, é observar, ouvir, e essa observação não é só dos outros, mas de si mesmo. E aquilo que parece muito particular é o que muita gente sente. No caso do Averso da Pele acho que tem um pouco disso. As coisas que me aconteceram enquanto homem negro no Sul do país não era por um sentimento individual, por mais específico que fosse. Era uma experiência coletiva. Prestar atenção em si e prestar atenção nas pessoas ao seu redor é uma forma de você narrar coisas universais justamente porque o que nos une é esse sentimento de humanidade.

Lembro quando lia também ia me identificando com alguns lugares do livro, como Santa Catarina. Quem na adolescência do Sul na década de 1980 não passou por aqueles lugares? Também nos aproxima da história. Nos aproxima porque O Averso da Pele não é um livro sobre o



racismo. É um livro sobre as relações pessoais, sejam as relações entre pai e filho, entre professor e aluno, os relacionamentos afetivos, isso transcende as questões raciais, então causa uma identificação também nas pessoas.

Como avalia a presença do Ailton Krenak na Academia Brasileira de Letras, o que pode impactar naquele espaço?

A eleição do Krenak foi importantíssima e quem sai ganhando é a Academia. O Krenak também, mas acho que ele agrega um saber e uma espécie de volta às origens, ao que é o Brasil e como foi fundado. Krenak é esse representante das nossas origens, da ancestralidade. A Academia já poderia ter feito outras escolhas nesse sentido, mas acho que é um momento de celebração, de a gente entender que é um lugar de validação de conhecimento. Você ter um autor indígena, que se reconhece como indígena, é importante porque você tem ali uma instituição centenária que valida aquele saber.

Que autores está lendo?

Tenório - Tenho lido um pouco de literatura contemporânea, livros do Tobias Carvalho, um escritor gaúcho, uma escritora baiana chamada Luciane Aparecida, que escreveu um livro chamado Mata Doce. Estou tentando diversificar um pouco a minha leitura, tentando ler autores nordestinos, do Norte, do Sul, evitando um pouco esse trânsito Rio/São Paulo. Imaginar é uma questão de sobrevivência. Imaginar é um modo de resistência

Considero o Valter Hugo Mãe um dos grandes escritores da contemporaneidade. Ele traz muito do Saramago também. Ele te inspira?

A literatura portuguesa em si me inspira. Me tornei especialista em literatura portuguesa. Tanto o Valter como o (José) Saramago, o (José Luis) Peixoto, Fernando Pessoa, Gil Ferreira, são muitos autores que me influenciaram. Valter se tornou um amigo também. A literatura dele é de um tipo que funda uma língua portuguesa. Ele oferece outra forma de escrever a língua portuguesa, assim como o Saramago, assim como o Guimarães Rosa, que vão criando uma linguagem. Sorte nossa ter esses autores por perto.

Qual a importância da literatura para a gente imaginar outro mundo?

Talvez a melhor forma de resistir diante de um mundo sombrio seja imaginar. Principalmente para as populações que sofrem uma opressão, a população negra, periférica. Conseguir vislumbrar um futuro, imaginar para além da semana que vem. Pegar um moleque de 12 anos e ele conseguir vislumbrar anos depois o que ele vai ser. Acho que a literatura contribui para essa imaginação. Imaginar é uma questão de sobrevivência. Se você não enxerga o seu futuro a longo prazo, a impressão que você tem é que a sua vida não vale nada. Para sua vida valer alguma coisa você precisa projetar o seu futuro e de uma maneira bastante longa. É preciso imaginar como vou estar daqui a 10/15/20/30 anos. Imaginar é um modo de resistência.

Então utopia não é uma palavra em desuso?

Nunca foi. Querem nos fazer acreditar que é ultrapassada, mas precisamos dela para viver, sobreviver e para dar sentido também.

Livro do autor Jeferson Tenório, ‘O Averso da Pele’ chega aos palcos

Montagem do Coletivo Ocutá dirigida por Beatriz Barros discute o racismo e a precariedade do ensino público



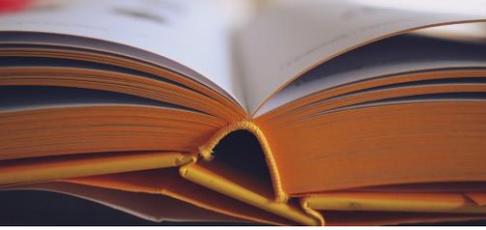
A diretora Beatriz Barros se juntou ao Coletivo Ocutá, grupo recém-formado por atores jovens, negros e gays, para levar aos palcos “O Averso da Pele”, livro de Jeferson Tenório, com drama, humor e dança.

A peça homônima, em cartaz no Sesc Avenida Paulista, conta a história de Henrique, um professor assassinado, pela perspectiva de Pedro, seu filho, que tenta reconstruir o passado dos pais.

A plateia entra na sala de exibição por uma porta que dá acesso ao palco. A meialuz azul e a fumaça que preenchem o ambiente dão ao público a sensação de entrar em uma instalação sensorial.

O espectador atravessa o espaço de performance e tem que desviar de uma pilha de livros que ocupa o centro da sala para chegar às cadeiras. Ao se sentar, mesmo que nas últimas fileiras, fica a apenas alguns poucos passos do palco.

Na faixa dos 20 e poucos anos, os quatro atores do coletivo, Marcos Oli, Bruno Rocha, Alexandre Ammano e Vitor Britto —que também é assistente de direção da peça—, se revezam entre os personagens, como fragmentos de um único narrador. Eles já tinham se juntado para atuar quando convidaram Barros para a direção.



Enquanto procuravam a história que iriam contar, o livro de Tenório caiu nas mãos dos artistas. Eles conseguiram permissão para adaptar a obra poucos meses depois que ela foi publicada, quando ainda era desconhecida.

O grupo conta que fazia os ensaios no apartamento de Alexandre, ambiente que antecipava a intimidade do teatro do Sesc. Atores e diretora trocavam perspectivas sobre a obra, construindo aos poucos a performance.

“Vitor e Bia colocaram a mão na massa para trazer partes do livro para a encenação e eu, Bruno e Marcos —e Vitor também, como ator— ficamos mais responsáveis por pegar as palavras e transformar em cena”, diz Alexandre.

Os conflitos raciais marcam a vida dos personagens da peça. Estão na raiz de todas as perdas da narrativa, especialmente a do pai pelo filho.

Henrique dava aulas de português para alunos revoltados com o ambiente escolar, que os reduzia à posição de fracassados. Queria acreditar que podia mudar a vida deles, mas tinha que lutar contra o desânimo e a desilusão.

O avesso do título é tudo que há por dentro e que define um indivíduo para além da experiência social. Sem dar respostas, a peça reflete sobre como conciliar a individualidade e as dores coletivas. O humor surge para mediar as reflexões.

“A gente está falando de temas muito importantes, mas muito pesados. O humor é um caminho muito inteligente para falar deles. É importante o constrangimento social que o riso traz quando é bem utilizado”, afirma Barros.

Barros compara a disputa pela atenção da plateia ao que fazia quando mais nova, ajudando a família a vender roupas em feiras de Pernambuco. “Na feira, você tem que seduzir muito rápido, porque a todo momento tem outra pessoa vendendo do seu lado”, diz a diretora, que tenta levar a mesma sedução ao teatro. “Não posso perder a plateia. Não tenho esse direito.”

ENTREVISTA

Jeferson Tenório: literatura se faz de marcas pessoais, mas também de ficção

Presente na Fliparacatu, autor de 'O avesso da pele' falou com a reportagem de O TEMPO

Por Alex Bessas* Publicado em 25 de agosto de 2023 | 22h59 - Atualizado em 30 de agosto de 2023 | 02h46



O escritor Jeferson Tenório durante bate-papo com Sérgio Abranches na Fliparacatu - Foto: Ranch Films/Divulgação

Jeferson Tenório é um dos nomes mais relevantes da literatura brasileira contemporânea. Seus romances abordam temas como racismo, violência policial, educação e parentalidade. Seu último livro, “O Averso da Pele”, foi finalista do Prêmio Jabuti 2020 e do Prêmio Oceanos 2021. O escritor é um dos convidados do 1º Festival Literário Internacional de Paracatu, o Fliparacatu, que ocupa, com uma série de atividades gratuitas, o centro histórico da cidade de Paracatu, na Região Noroeste de Minas Gerais. O evento, que foi iniciado na quarta-feira (23) e se estende até domingo (27), tem como tema “Arte, literatura e ancestralidade” e, com evidente viés antirracista, reúne diversos autores e autoras negras, como Conceição Evaristo, Eliana Alves Cruz, Taismin Ohnmacht e Calila das Mercês.

Em entrevista a O TEMPO, Jeferson Tenório, que assina também os títulos “Beijo na Parede” e “Estela sem Deus”, falou sobre a importância de, a exemplo da Fliparacatu, levar a literatura para lugares onde muitas vezes não há livrarias ou bibliotecas, em que as pessoas têm menos acesso aos livros e aos autores. Para ele, essas iniciativas contribuem para uma aproximação entre os leitores e os escritores, possibilitando uma rica troca de experiências, saberes e histórias - o que enriquece a literatura e os próprios indivíduos. O escritor também falou sobre como sua experiência como professor, homem negro e pai influenciam sua forma de fazer literatura,

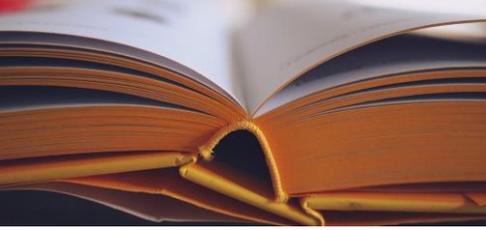
detalhando que as diversas dimensões da sua vida e identidade são um importante repositório de material biográfico a que ele recorre ao escrever seus livros - feitos de marcas pessoais, mas também de invenção e ficção, como o próprio autor explicou.

1. Como você vê a importância de um evento como o Fliparacatu, que traz para o centro debates contemporâneos, como o tema da ancestralidade? Eu considero o Fliparacatu mais do que uma simples feira ou festival. Ele tem um projeto estético, evidenciado pelos convidados, e um posicionamento político, voltado para a diversidade, que se manifesta nos autores, nas temáticas e nos debates. Isso é muito claro e eu acredito que é parte de um processo de naturalizar a presença dessa diversidade nos eventos literários. Então, eu vejo o Fliparacatu como um exemplo de como é possível promover um evento com tanta diversidade de forma natural, sem que essas pessoas sejam reduzidas a um único tema. Por exemplo, eu participei de uma discussão sobre o “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa, em que o assunto não era o racismo, a negritude ou algo do tipo, que geralmente são os temas pelos quais me convidam para falar. Então, eu acho que é isso: é criar espaços de naturalização desses autores e autoras em lugares que normalmente não são ocupados por eles.

2. E qual é o valor desses acontecimentos estarem em cidades pequenas, no interior, como Paracatu? Eu vejo como um avanço significativo para a ideia de descentralização da literatura. Levar a literatura para lugares onde o acesso aos livros e aos autores é escasso cria uma aproximação e uma troca entre os leitores e os escritores, que compartilham experiências, saberes e histórias. Eu penso que isso valoriza a literatura e as pessoas que vivem nessas cidades. Isso é um serviço público, uma forma de democratizar a cultura e de reconhecer as identidades locais.

3. Como é a sua relação com os leitores? Você recebe relatos de identificação e de reverberações de suas obras? Eu entendo a literatura como um encontro de estranhos. O autor escreve um livro sem saber quem vai lê-lo e o leitor se apropria desse livro como se fosse seu. Há uma relação, um diálogo, entre o leitor e a escrita, que o autor desconhece. Eu recebo muitos depoimentos de leitores nesse sentido. E isso me afeta também. Porque quando as pessoas me contam suas leituras, suas impressões, suas observações, eu aprendo muito com elas. Elas me mostram uma perspectiva que eu não tinha notado ainda. E essa é a magia da arte: você escrever algo e isso gerar várias interpretações. Eu tenho escutado muitos relatos emocionantes, belos, de pessoas que se identificam por diversos motivos. Há quem se identifique com o professor, com a educação, há quem se identifique com as mulheres do livro, com a Marta, há quem se identifique com a relação pai e filho, outros com a violência policial. Isso me deixa muito feliz, porque eu vejo que apesar de toda a dificuldade que eu tive para escrever esse livro ele conseguiu abordar uma pluralidade de assuntos, de temas.

4. Sobre o seu mais recente livro, “O Averso da Pele”, como chegou a esse título? O Averso da Pele” surgiu como um rascunho. Quando eu fechei contrato com a editora, eu precisava de um título provisório e foi o primeiro que me ocorreu, sem pensar muito. Depois, eu fiz uma lista de dez títulos enquanto escrevia. Eu cheguei a imprimir algumas versões com esses títulos. Um deles, por exemplo, era “Tumulto Vital”. Outro era “Pegar em Armas Contra o Mar de Angústias”, que são frases do solilóquio de Hamlet, de Shakespeare. Mas eu percebi que esses títulos não funcionavam, não correspondiam ao livro. Então, eu voltei para “O Averso da Pele”. Foi um título que eu resisti até o final.



5. Como suas experiências anteriores ao fazer literário reverberam na literatura que você faz? Sim, a literatura é feita de marcas pessoais. Todo autor parte do seu próprio universo para escrever. Qualquer livro de ficção, se comparado com a vida do autor, revela algumas dessas marcas. A questão é que em alguns autores elas são mais visíveis, em outros menos. No meu caso, a minha experiência como professor, como homem negro no sul do país, como pai, como alguém que sofreu racismo e violência policial, tudo isso me forneceu material biográfico para escrever esse livro. Mas com o distanciamento que a linguagem proporciona. É na linguagem que eu me afasto do Henrique [o protagonista do livro] e é na linguagem que eu invento, que eu crio ficção.

6. Como você escolhe as suas leituras? Você tem algum critério ou alguma preferência? Os livros me escolhem, no sentido de trabalho. É raro eu conseguir escolher um livro por vontade própria. Geralmente, eu leio algo para fazer algum trabalho. Seja uma orelha, uma resenha ou uma edição. Eu sou editor, então eu leio muitos originais. Ou quando eu sou júri de prêmios literários, eu leio por obrigação. Então, eu sinto falta daquele gesto de olhar a estante e escolher um livro por prazer. E tenho inveja de quem pode fazer isso hoje em dia. Mas tenho lido muita literatura contemporânea, autores novos, por causa da minha posição de editor e de júri.

7. E como você lê? Você tem algum horário, algum lugar preferido? Você lê um livro por vez ou vários ao mesmo tempo? Olha, desde que eu me tornei leitor, e ser leitor significa conviver com os livros diariamente, eu leio vários livros ao mesmo tempo. Então eu não sou daquele de pegar um livro e ficar com ele até o fim. Eu leio um dia um, outro dia outro e aí eu vou intercalando e daqui a pouco pego de novo e volto. Dá certo, de algum jeito vai dando certo assim. Mas isso é talvez o traquejo de professor de literatura, de língua portuguesa, acho que isso me deu essa habilidade de poder ler vários livros ao mesmo tempo e isso não é um problema, é um prazer para mim.

8. Por fim, é notável que seus livros têm sido lidos por um público infanto-juvenil, apesar de não parecerem ter sido escritos para essa faixa etária. Como você vê essa recepção? É muito curioso porque os meus livros eu nunca pensei para essa faixa etária. Tanto “Beijo na Parede” quanto “Estela sem Deus” e “O Averso da Pele” são livros em que o meu leitor ideal era o leitor adulto. Tanto que eu não tive nenhum filtro de palavrões, de cenas de sexo, de violência. Eu não tinha nenhuma preocupação com isso. E eu acho que, por eu não ter essa ideia de escrever para adolescentes ou para crianças, talvez esses trabalhos tenham sido vistos de uma outra percepção, tendo outra recepção. Curiosamente, “Beijo na Parede” foi distribuído nas escolas, sendo lido por alunos do sexto ano, sétimo ano. Crianças de 12, 13, 14 anos. “Estela sem Deus” também é lido por adolescentes e crianças. E “O Averso da Pele”, para a minha surpresa, também está sendo lido nas escolas. Semana passada eu estive no Rio de Janeiro e conversei com uma turma de primeiro ano do ensino médio do colégio Pedro II. E eles leram “O Averso da Pele”. São alunos de 14 e 15 anos. E isso me causa surpresa porque eu não tinha pensado nesse público. Mas eu acho que, quando a gente pensa para essa faixa etária, me parece que a gente precisa de livros que formem leitores. E talvez a minha linguagem literária tenha essa proposta de não oferecer uma barreira linguística para os leitores iniciantes.

*O repórter viajou a convite da Kinross, patrocinadora da Fliparacatu por meio da Lei de Incentivo à Cultura do Governo Federal

Recolher-se: o encontro com a essência estruturante em *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório

Alen das Neves Silva*



Mas a morte é um clichê e por isso os lugares-comuns são permitidos, você me disse. (p. 178-9).

A morte é íntima demais para caber em um espetáculo, você me disse. (p. 179).

Acredito que tempos difíceis estão por vir, quando desejaremos ouvir a voz de escritores que consigam ver alternativas ao que vivemos hoje e possam enxergar além desta nossa sociedade, tomada pelo medo e por sua tecnologia obsessiva, outras maneiras de existir, e que possam até imaginar possibilidades reais de esperança. Precisaremos de escritores que possam se lembrar da liberdade.

(LE GUIN, 2014).

Em seu terceiro romance, *O avesso da pele*, publicado pela editora Companhia das Letras, em 2020, Jeferson Tenório amplia suas reflexões sobre o abandono, no que se pode considerar como uma trilogia sobre o tema que se iniciou com a obra *O beijo na parede* (2013) e ganhou corpo (e força) em *Estela sem Deus* (2018). O autor trouxe em seus romances anteriores o abandono vivenciado por uma criança, João em *O Beijo na Parede*, e o vivido por uma adolescente, Estela, em *Estela sem Deus* e, por fim, chega-se a Pedro, de *O avesso da pele*.

Este é um sujeito que se recolhe em suas lembranças, nas vivências e nas histórias que ouviu de e sobre seus pais para se entender e, quem sabe, ser capaz de lidar com o abandono que o aflige da infância à vida adulta e, também, o que assolou seu pai na maturidade. Pedro tem seu pai, Henrique, assassinado em uma operação policial, tal fato o leva para o recolher-se e assim poder nascer para o novo momento que irá viver.

Da mesma forma como ocorre com os iniciantes no candomblé, o narrador necessitará desabrochar para essa comunidade que se apresenta para ele em sua vida adulta. Ao se perceber incompleto, Pedro dirige-se aos familiares – e aos leitores – e expõe a urgente necessidade de se recolher, porque assim conseguirá digerir todos os acontecimentos envolvidos na perda do pai e, deste modo, renascer. Então, o narrador nos diz:

Acho que vocês nunca se preocuparam em organizar uma narrativa para mim. Sei que o tempo foi passando e o que foi dito por vocês, antes da minha memória, foi dito em retalhos. Então precisei juntar os pedaços e inventar uma história. Por isso não estou reconstruindo esta história para você nem para minha mãe, estou reconstruindo esta história para mim. Preciso arrancar a tua ausência do meu corpo e transformá-la em vida. (p. 183).

Quando esse filho adulto cerze os retalhos desta colcha com a linha memorialística da infância, ele consegue rasgar seu caminho, pois os vãos se transformarão em percursos possíveis para o entender-se e apresentar-se como sujeito. O porque desta ação se justifica, tendo como base as religiões afro-brasileiras, em especial os rituais essenciais para se tornar um adepto. Um deles é o recolhimento para a feitura de santo, que consiste em submeter o sujeito a práticas que o possibilitarão nascer para a comunidade religiosa que pretende viver.

O recolher para os de candomblé (e demais religiões afro-brasileiras) trata-se de um período de 21 dias, no qual o abiã¹ se prepara para atingir o status de filho-de-santo, mas até alcançar tal título o fiel necessita transpassar o período intermediário, o de ião². Para que esse caminho? Pergunta dúvida, pois se refere à obra ou à religião? Não se pode determinar, uma vez que tais questionamentos possuem a mesma resposta, em que ambos necessitam deste percurso que o recolher-se prevê. Isso se deve, porque, assim a religião e a obra poderão ser vivenciadas em sua plenitude. Tanto o candomblé, ou qualquer outra religião de matriz africana, quanto as obras de Jeferson Tenório requerem o recolher-se para sua compreensão.

No candomblé, ou na umbanda, este período proporciona ao abiã conhecer e aprender os dogmas, os ritos, as cerimônias, entre outras atividades necessárias para que possa caminhar nas práticas religiosas. O romance *O avesso da pele* também requer esse processo de aprendizagem e conhecimento humano por parte de seus leitores, que se utilizarão das fragilidades, das incertezas e dos ímpetos para se entregarem à literatura cirúrgica do autor. O fato que desencadeia o recolhimento do narrador é materializado de forma poética por Tenório ao resgatar o momento do assassinato do pai. Neste excerto Pedro conta que

(...) você nem percebeu quando os reflexos vermelhos de uma sirene bateram na parede de um prédio próximo a você. Nem percebeu a aproximação de uma viatura da polícia, e também não percebeu quando eles param o carro ao seu lado. Você só se deu conta do que estava acontecendo quando um deles falou mais alto e disse para você parar. Era uma abordagem. Sua cabeça ainda estava na sala de aula, ainda estava em Dostoiévski. Ele gritou para você parar. Gritou para você ir para a parede. Mas você não escutou ou não quis escutar. Ele e os outros policiais estavam nervosos, era só para ser mais uma abordagem de rotina. Só isso, *vamos, porra, colabora*. Mas você não estava se importando mais com a rotina deles. Ele gritou novamente para você ir a parede, ele já estava apontando a arma. Mas para você já não fazia diferença, porque daquela vez eles não iam estragar tudo. *Vocês tinham de estar lá. Vocês tinham que ver a cara deles quando comecei a ler, vocês tinham que ver o silêncio deles, vocês tinham que vê-los prestando atenção. Vocês tinham que conhecer o Peterson, tinham de ouvir o que ele tinha para dizer sobre o livro. Você ignorou porque agora era a sua vez. Era a sua vez de ditar as regras. E a regra, agora, era seguir seu movimento, colocando a mão dentro da pasta. O primeiro tiro pegou no seu ombro, e foi como se você tivesse levado uma pedrada forte. O segundo foi no peito, dilacerante, uma dor difícil, não tão forte como as outras dores que tocaram seu corpo, mas ainda uma dor difícil. O terceiro foi dado por ele, pelo policial que vinha tendo pesadelos com*

homens negros invadindo sua casa. Um tiro certeiro na tua cabeça. Os outros vieram simultaneamente. E a última imagem que você viu foi a lua-gema-de-ovo-no-copo-azul-lá-do-céu. (p.176 -177).

Nessa cena, o autor une as narrativas de dois personagens, seu pai e o policial, de forma magistral pois, em um determinado momento, o leitor começa a conhecer o agente da segurança pública, que, em certa manhã, acordou atormentado por sonhos intranquilos, ou como a esposa do policial o questiona: “*Você teve outro daqueles pesadelos, não é?*” (p.166); e com essa pergunta o leitor, que se entregou à narrativa de Jeferson, sabe que o encontro deles será inevitável. Porém, não esperam como resultado deste encontro a morte de Henrique, pai de Pedro.

Com esse relato Tenório eterniza uma realidade que se acentuou, ou melhor, foi escancarada nas duas primeiras décadas dos anos 2000, a de que basta ser negro para estar fora da normalidade e não merecer a mínima possibilidade de voz. Também toca no ponto nevrálgico da segurança pública: o despreparo das forças policiais. Este é um dos mecanismos de extermínio da população negra e periférica, pois o racismo estrutural baliza estas atitudes que se apoiam e se amenizam na maior inocência, a legítima defesa. Em que ameaça Henrique parado na porta da escola? Quão ameaçadora é essa cena? Qual seria a ameaça à vida do policial?

A fatídica situação ficcional presente em *O avesso da pele* é, facilmente, transportada para a realidade contemporânea brasileira, e mundial, em que suscita o seguinte questionamento: qual seria a ameaça, perigo ou crime que Agatha Félix, João Pedro, Evaldo dos Santos Rosa, Jean Rodrigo da Silva Aldrovande, Hélio Ribeiro, Gleberon Nascimento Alves, Alan de Souza Pereira, Jorge Lucas Paes, Thiago Guimarães, Jhonata Dalber Matos Alves e George Floyd, entre outros, cometeram? O que tiveram como elo a cor – negra – e serem periféricos. A maioria foi vítima de um engano, como Henrique, na obra, seja por que carregavam guarda-chuva, furadeira, skate ou qualquer objeto que lembre uma arma que, associado ao tipo físico, já se torna a certeza de um possível delito. E em relação às crianças, o que carregavam consigo além da inocência e da felicidade? Assim como Henrique, que estava contente com a aula que ministrou para sua turma. Esses “enganos” justificam lançar mão da legítima defesa? A resposta é simples: não. O que basta é serem negros e periféricos.

Algumas suposições para a motivação de atos truculentos como os do policial em *O avesso da pele* seriam a felicidade com que as vítimas levavam suas vidas? Suas brincadeiras e diversões infantis? Trabalhar e se manter? Não, nenhuma delas. A ameaça real é simplesmente a existência de pessoas negras nas ruas. Dessa forma, Pedro necessita se recolher para compreender a perda de seu pai e, enfim, poder retornar para a sociedade “civilizada” após seu re-nascer e liberar seu orúko³.

Ainda sobre o racismo, a obra propõe uma reflexão importante ao expor todo o percurso que Henrique fez até se recolher em uma letargia e se enxergar e se entender como alguém com significado, compreender-se e se aceitar como um professor. Pedro traz à superfície o momento que Henrique solta o seu orunkó: sou professor. O narrador conta que

Peterson disse que a sua aula tinha sido muito boa. Você ofereceu o livro se ele quisesse emprestado. Ele agradeceu, mas disse que precisava correr atrás de um trabalho. Você pensou em insistir, pensou em fazer um discurso sobre aquela história de pão e literatura, que as duas

coisas são importantes, mas não estrague tudo, professor, não exagere. Você deu uma de suas melhores aulas dos últimos tempos, contenha-se, você pensou. Numa esquina, Peterson se despediu de você. Enquanto caminhava, você ficava lembrando de cada pedacinho da aula. (p. 172).

Nesse encontro, Henrique percebe que todo seu esforço gerou um resultado positivo, pois modificou a percepção que os alunos tinham de suas aulas. O racismo, latente na sociedade, era, ou melhor, é suportado nestes pequenos momentos de satisfação e de abertura das possibilidades para possíveis vítimas das violências sociais.

No romance, Jeferson Tenório trata o recolher-se de uma forma bastante sutil, porém eficaz como a que ocorre com os abriões no candomblé, ou seja, é necessário estes se conhecerem na essência para que evoluam social, religiosa e eticamente. Para exemplificar a dita necessidade, o autor concede a seus leitores uma cena que trata da terapia de casais. Os pais de Pedro, Henrique e Martha, desfrutam desta ferramenta quando o casamento passa por uma crise. Os envolvidos percebem que conversar, refletir e analisar suas ações é a forma de conviverem em uma relação, que Jeferson Tenório condensa na conjugal, mas que se expande para a social, como o silêncio inicial de Henrique nesse evento.

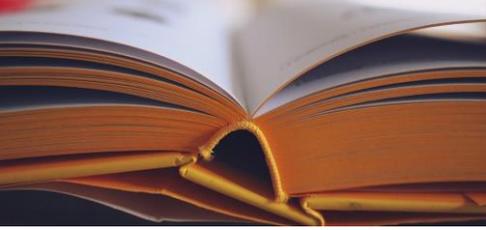
Dessa forma, a terapia atua, metafórica e metonimicamente, espelhando as relações sociais que estamos imersos. A representação que assume os terapeutas dos pais, Jane e Reinaldo, sujeitos tão frágeis quanto os pacientes, sugere aos os leitores que a fragilidade é um estado humano e quando se escuta a dor do outro, o ouvinte é capaz de elaborar suas dores e usufruir positivamente delas. Portanto, a individualidade do casal expressa a coletividade das situações vividas pelos negros na sociedade e, partindo dessa proposição, Jeferson traz a análise de Pedro, do comportamento e da relação de seu pai e de sua mãe. E o filho a faz desta forma

Você apenas pensou que havia um problema com você, mas talvez nunca tenha percebido que toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele. Que seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: *não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem seus documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha um emprego.* Tudo isso passava anos reverberando em você. Como um mantra. Um manual de sobrevivência. (p. 88)

E, partindo desta fala, tem-se o recolher de Pedro, que fez toda essa digressão em sua história buscando se entender como sujeito negro em uma Porto Alegre racista e intolerante ao diferente. Falas como a acima citada são uma constante não no sul do Brasil, mas em qualquer região em que haja negros no mundo.

Um ponto bastante instigante é a circularidade conferida à narrativa, com ela Tenório solidifica o recolhimento do narrador nas páginas deste romance dialógico. Ele se inicia com a passagem

Às vezes você fazia um pensamento e morava nele. Afastava-se. Construía uma casa assim. Longínqua. Dentro de si. Era esse seu modo de lidar com as coisas. Hoje, prefiro pensar que você partiu para regressar a mim. Eu não queria apenas a sua ausência como legado. Eu queria um tipo de presença, ainda que dolorida e triste. E apesar de tudo, nesta casa, neste apartamento,



você será sempre um corpo que não vai parar de morrer. Será sempre o pai que se recusa a partir. Na verdade, você nunca soube ir embora. Até o fim você acreditou que os livros poderiam fazer algo pelas pessoas. No entanto, você entrou e saiu da vida, e ela continuou áspera. Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero. É com eles que tento descobrir quantas tragédias ainda podemos suportar. Talvez eu deseje chegar a algum tipo de verdade. Não como um ponto de chegada. Mas como um percurso que vasculhe os ambientes e dê início a um quebra-cabeça, um quebra-cabeça que começa atrás da porta da sala, onde encontro o alguidar⁴ de argila alaranjada. E, dentro dele, uma pedra, um ocutá⁵, enrolada em guias⁶ de cores vermelhas, verdes e brancas, um orixá. Observo-a com cuidado. É assim que se adentra numa vida que já se foi. Tiro o ocutá do alguidar. Lembro o dia em que você me disse que sua cabeça era de Ogum⁷, e que isso era ter sorte, porque Ogum era o único orixá que sabia lidar com os abismos. (p. 13-14).

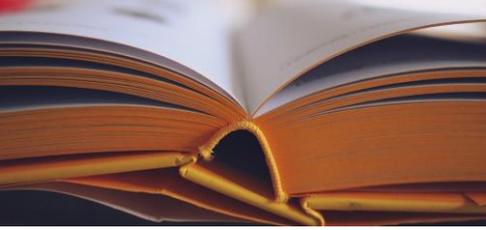
E finaliza com o narrador refletindo sobre a falta que um ente querido faz na vida das pessoas. Pedro diz que

A imagem de um pai falecido também nos mata um pouco, e talvez isso seja uma espécie de amor. E agora, aqui no seu apartamento, tento de algum modo me consolar. Lanço mais um olhar sobre suas coisas. Antes de sair, pego o seu alguidar, retiro o ocutá de dentro dele, enrolo num pano, como minha tia Luara disse para eu fazer. Saio segurando Ogum entre as mãos. (p. 187).

Dessa forma, Pedro consegue compreender que o amor que traz encrustado em sua pele é o que o estrutura, mas para compreender isso foi necessário recolher-se em si e em sua ancestralidade, porque é apenas quando se olha para o próprio interior que se é capaz de externar os anseios, os desejos e as questões e, assim, conseguir encontrar a essência que o estrutura. Sobre esse encontro o narrador termina seu relato dizendo que

Bastava dar uma olhada em volta para perceber que você não podia pertencer àquilo, mas acontece que você insistiu. Permaneceu. Porto Alegre era um lugar que você construiu fora de si. Você nunca esteve dentro dela. E agora caminho por essas mesmas ruas, tenho Ogum em minhas mãos, e ainda me sinto perdido, mas a palavra continua sendo essa. Vou em frente, na direção do Guaíba. Tenho Ogum em minhas mãos porque agora é a minha vez. (p. 187)

Todo o percurso de Pedro pode ser assimilado como o recolhimento vivenciado nas religiões de matriz africana, porque ele poderá, ou não, se conectar com sua energia ancestral. O não se conectar jamais poderá ser um entrave, ou tirar sua calma ou abalar seu equilíbrio, mas deverá promover o aprendizado com estes, e outros, erros que atuarão como uma lição para experienciar uma vida de humildade, de vitórias sobre as dificuldades. Isto posto, será com dignidade, amor e resignação, que os sujeitos poderão compreender que se recolher é a essência que estrutura o humano. Para vivenciar essa situação, o narrador profere a frase “tenho Ogum em minhas mãos porque agora é minha vez”; Tenório demonstra que ser negro sujeitará Pedro a uma trajetória, no mínimo, semelhante à de seu pai. Esta sensação se obtém apenas quando um negro se recolhe em si, como o abiã faz em seu processo de iniciação, pois é como ele, o recolher-se, que o iniciado se compreende como um fiel, ou melhor, como um filho do orixá que rege seu ori⁸.



Partindo dessa proposição é relevante colocar em diálogo a escrita de Jeferson com as palavras de Le Guin, quando este expõe o desejo urgente de autores que produzam literatura a partir dos não-lugares sociais hegemônicos. Assim, que esses artistas da linguagem sejam capazes de vislumbrar sociedades que compreendam as violações e as dores, mas que não se tornem subservientes a elas, que sejam, sim, produtores de espaços reflexivos possíveis. Jeferson Tenório pode ser considerado como um autor de realidades reflexivas das atrocidades impelidas à população negra, apenas por sua existência. Recolher-se é um exercício de liberdade para que se compreenda que essa ação é o que estrutura a essência da sociedade. *O avesso da Pele*, de Tenório, é o toque do atabaque afro-brasileiro que conduzirá aos leitores no transe iniciático do recolher-se para se compreender como alguém capaz de pensar, refletir e agir em busca das liberdades necessárias para a população negra contemporânea.

Belo Horizonte, setembro de 2020.

Notas

[1] Abiã: Nome dado ao iniciado no Culto dos Orixás que ainda não recebeu qualquer tipo de obrigação.

Fonte: <http://www.templodovaledosoledalua.org.br/pequeno-dicionario-yoruba-x-portugues/>

[2] Ião: Termo que designa o noviço após a fase ritual da reclusão iniciatória. Em Yorùbá significa "esposa mais jovem." Fonte: <http://umbanda-candomble.comunidades.net/dicionario-yoruba-portugues>

[3] Orúko: Expressão yorubá, empregada na liturgia dos candomblés, que significa "qual é o teu nome?". Ocorre na mais expressiva cerimônia pública do candomblé", conhecido como saída-de-santo, dia-do-nome, saída-de-iaô e muzenza.

Fonte: <http://umbanda-candomble.comunidades.net/dicionario-yoruba-portugues>

[4] Alguidar: Bacia feita de barro muito empregada para fazer a comida destinada aos orixás, ademais de outras finalidades, inclusive servir de depósito d'água para os trabalhos de terreiro.

Fonte: <https://ticun.files.wordpress.com/2015/09/dicionacc81rio-da-umbanda-altair-pinto.pdf>

[5] Ocutá: Ou em Yorubá òkúta, que significa pedra.

[6] Guias: Fio de contas usado nos rituais afro-brasileiros. Na maioria das vezes essas guias correspondem aos Orixás do Filho de Santo.

Fonte: <http://www.templodovaledosoledalua.org.br/pequeno-dicionario-yoruba-x-portugues/>

[7] Ogum — É a Divindade das Lutas e das Demandas. No culto nagô é São Sebastião, sendo São Jorge nos demais. Entre os lorubanos da Costa dos Escravos, na África, significa uma força ou poder oculto supranatural e ultra-sensível, que pessoas e objetos podem possuir naturalmente ou por transmissão mediante ritual apropriado. <https://ticun.files.wordpress.com/2015/09/dicionacc81rio-da-umbanda-altair-pinto.pdf>

[8] Orí: Ou orori - (oni+ori = dono ou senhor da cabeça). Termo que designa a cabeça na vida litúrgica dos candomblés. É, além disso, uma divindade doméstica yorubá guardiã do destino e cultuada por adeptos de ambos os sexos. Também se diz que é a alma orgânica perecível, cuja sede é a cabeça e dá inteligência, sensibilidade e prosperidade.

Fonte: <http://umbanda-candomble.comunidades.net/dicionario-yoruba-portugues>

Referências

BENISTE, José. *Dicionário yorubá/português*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

LE GUIN, Ursula K. O discurso de Ursula K. Le Guin no National Book Award de 2014. Disponível em: <https://medium.com/especulativa/o-discurso-de-ursula-k-le-guin-no-national-book-award-de-2014-5d5f13c9f829>. Acesso em: 12/08/2020.

MARQUART, Eduard. *A ética do abandono*: César Aira e a nova escritura, Florianópolis, SC, 2008.

TENÓRIO, Jeferson. *O Avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

* Alen das Neves Silva é professor, graduado e Mestre em Letras, Estudos Literários, pela UFMG e pesquisador do NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – desta Instituição.